



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Clarice no carnaval

E, por falar em carnaval, lembrei de um relato de Clarice Lispector sobre a festa, em que evoca uma experiência de infância de menina do Recife, entre encantos, desenhos e reencantamentos. Na verdade, ela pouco participava. Não frequentava os bailes infantis e não se fantasiava. No entanto, a deixavam ficar até as 11 da noite na porta da rua do sobrado onde morava.

Mas apenas ver a festa era um espetáculo para a menina, inebriada pela

atmosfera e pela música que embalava a folia: “E quando a festa ia se aproximando, como explicar a agitação íntima que me tomava? Como se enfim o mundo se abrisse de botão que era em grande rosa escarlata. Como se as ruas e praças do Recife enfim explicassem para que tinham sido feitas. Como se vozes humanas enfim cantassem a capacidade de prazer que era secreta em mim. Carnaval era meu, meu”.

Economizava todo o dinheiro que ganhava para comprar um lança-perfume e um saco de confete. Somente a avidez pela festa já a tornava feliz. O encontro com as máscaras causava, a um só tempo, medo e fascínio: “À porta do meu pé de escada, se

um mascarado falava comigo, eu de súbito entrava no contato indispensável com o meu mundo interior, que não era feito só de duendes e príncipes encantados, mas de pessoas com o seu mistério. Até meu susto com os mascarados, pois, era essencial para mim”.

No entanto, a rotina dos anos de carnaval se rompeu com uma edição inusitada. Clarice nunca era fantasiada. Mas a mãe de uma amiga resolveu fantasiar a filha e sobrou um pouco de papel crepom. Com ele, confeccionaram uma roupa de flor para a menina Clarice, aos 8 anos. Não importava que fosse precária; para a menina, era a fantasia mais bela que já vira: “Naquele carnaval,

pois, pela primeira vez na vida eu teria o que sempre quisera: ia ser outra que não eu mesma”.

O temor era de que chovesse e a roupa de papel crepom se derretesse toda. A menina engoliu o orgulho de só ter uma fantasia por causa das sobras do vestido da amiga e aceitou o destino dado de esmola. Mas o destino jogou os seus dados de maneira surpreendente. A mãe de Clarice piorou de saúde e a menina recebeu a ordem, em tom de ultimato, de correr até a farmácia para comprar um remédio.

O sonho de carnaval havia se desmoronado. De nada adiantou a casa se acalmar e ser penteada e pintada pela irmã:

“Mas alguma coisa tinha morrido em mim. E como nas histórias que eu havia lido sobre fadas que encantavam e desencantavam pessoas, eu fora desencantada; não era mais uma rosa, era de novo uma simples menina”.

No entanto, o destino voltou a jogar os seus dados algumas horas depois. Um menino bonito de uns 12 anos cobriu os cabelos de Clarice de confete, numa mistura desconcertante de carinho, grossura, brincadeira e sensualidade. “Por um instante ficamos nos defrontando, sorrindo, sem falar. E eu então, mulherzinha de 8 anos, considerei pelo resto da noite que enfim alguém me havia reconhecido: eu era, sim, uma rosa”.

ASA SUL Confusão no Bloco Rebu acaba com a prisão das organizadoras do evento após abordagem contra drogas

PM usa spray contra deputado

» DAVI CRUZ
» BEATRIZ MASCARENHAS
» LUIZ FELLIPE ALVES
» PAULO GONTIJO

O deputado distrital Fábio Felix (PSol) foi atingido por um jato de spray de pimenta no rosto, lançado por um policial militar, ontem, no Bloco Rebu. A ação aconteceu depois que a PM prendeu as coordenadoras do bloco, Dayse Hansa e Eloísa de Moura. A confusão começou com uma abordagem a dois homens no bloco, que estariam com drogas, e terminou na 5ª Delegacia de Polícia (Asa Norte).

Dayse relatou que, durante a prisão dos dois suspeitos, realizada por militares do Batalhão Canino, tentou conversar com os policiais e foi tratada com grosseria. “Quando cheguei, eles já estavam algemados. Eu me apresentei a um dos agentes como coordenadora do bloco e ele me tratou com grosseria”, contou. Segundo ela, ao perguntar sobre a quantidade de drogas que os suspeitos estavam portando, foi respondida com rispidez. “Esse policial disse que eu não precisava saber de nada e tinha que sair do local imediatamente”, afirmou.

A coordenadora informou que tentava conversar com outro agente da corporação quando viu o primeiro policial “puxando os dois rapazes de uma forma muito agressiva”. “Falei que aquele não era o

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Deputado Fábio Felix conversa com policiais após spray de pimenta; ele informou que quis entender o caso

protocolo adequado e pedi para a nossa equipe gravar a situação”, lembrou. Dayse alegou que foi empurrada por um policial e caiu no chão, machucando o joelho. Além disso, a coordenadora destacou que o policial a empurrou contra a viatura, causando outros machucados pelo corpo.

Avisado por organizadores do evento sobre a detenção das responsáveis pelo bloco, o deputado distrital Fábio Felix foi ao local. Ele explicou que, por ser presidente da Comissão dos Direitos Humanos da Câmara Legislativa (CL-DF), sempre atua em ocorrências desse tipo. O deputado informou que se apresentou aos policiais

com o objetivo de entender o que estava acontecendo e mediar o conflito, mas não conseguiu ver as duas coordenadoras. “Eles estavam muito exaltados, muito truculentos”, contou.

Empurrão

Felix ressaltou que tentou permanecer no local para dialogar, mas foi empurrado. “Estava tentando entender a situação, até que fui empurrado por alguns policiais”, informou. Durante a confusão, o parlamentar foi atingido por um jato de spray de pimenta no rosto, lançado por um dos policiais. Após o episódio, ele ligou para a

comandante-geral da PMDF, Ana Paula Habka. Depois de ser atendido por socorristas, o deputado foi para a delegacia registrar um boletim de ocorrência.

Marcelo Almeida, advogado que representa os policiais envolvidos na ocorrência, afirmou que, no momento da prisão dos suspeitos de portar drogas no bloco, algumas pessoas tentaram retirar os dois homens da guarda dos policiais. “Ao tentarem tomar esses dois indivíduos, que estavam presos, da mão da Polícia Militar, iniciou-se um tumulto generalizado”, afirmou.

Sobre o spray de pimenta disparado contra o deputado, o advogado explica que foi uma reação

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Dayse Hansa, coordenadora do Bloco Rebu, é presa pela Polícia Militar

às ações do próprio parlamentar. “As imagens mostram o deputado puxando o colete do policial”, alegou. O advogado garantiu que em nenhum momento Fábio Felix se apresentou como deputado. “Ele não falou sobre o cargo e, mesmo se tivesse falado, não daria direito de fazer isso”, acrescentou.

O secretário-executivo de Segurança Pública do DF, Alexandre Patury, contou que foi ao local depois de receber uma ligação de Fábio Felix. “A intenção era entender a situação e acalmar os ânimos. Entendi posteriormente que a origem da confusão ocorreu em virtude da apreensão de drogas, com auxílio dos cães farejadores, e da

reação de duas pessoas que criaram algum obstáculo à atividade policial”, afirmou.

Patury reiterou “que deve ser evitada qualquer obstrução à atividade policial, notadamente em ocorrências com flagrante delito”. “No caso do spray é complexo falar, pois só vi o vídeo publicado. Não sei o que aconteceu antes. Há protocolos consolidados para o uso progressivo da força e o spray é utilizado para não causar um mal maior à integridade física, apesar do incômodo temporário”, explicou.

Até o fechamento desta edição, o registro da ocorrência não havia sido finalizado na 5ª DP.

» Entrevista | **ALEXANDRE PATURY** | SECRETÁRIO EXECUTIVO DE SEGURANÇA PÚBLICA DO DF

Estratégia para combater os furtos

Ao CB.Poder, secretário defendeu a importância da revista da Polícia Militar na saída dos blocos, para interceptar os crimes

» ARTUR MALDANER*

Para combater o furto de celulares e ocorrências de assédio no período carnavalesco, o secretário executivo de Segurança Pública do DF, Alexandre Patury, destacou novas medidas implementadas na festa deste ano. O entrevistado do CB.Poder — parceria entre o Correio e a TV Brasília — de ontem defendeu a importância das revistas da Polícia Militar tanto na entrada quanto na saída dos blocos. Segundo Patury, as linhas de revista, adotadas desde 2023, têm eficácia comprovada pelo recolhimento de centenas de objetos cortantes. A novidade deste ano, ainda em fase experimental, é a revista após os eventos, com o objetivo central de coibir o roubo de aparelhos celulares. “Precisamos do apoio da população para mostrar o celular já desbloqueado. Não queremos nenhuma informação do aparelho, apenas que mostrem que é daquela pessoa”, disse ele aos jornalistas Carlos Alexandre de Souza e Ronayre Nunes. Patury também comentou a criação da Sala Lilás, um espaço itinerante que atua no acolhimento psicológico e multidisciplinar de vítimas de assédios sexuais durante a festa. Confira os principais trechos da entrevista.

O senhor comentou que 70% dos crimes cometidos no carnaval são relativos a furto de celular. Como é que vocês estão trabalhando para impedir isso?

Este ano, nós começamos com uma ação inédita e aproveitei a oportunidade para pedir o apoio da população. Normalmente, a gente faz a revista na ida, e é uma linha de revista muito forte. Para falar a verdade, dependendo do local onde o folião vá, ele passará por quatro linhas de revista. Mas agora, estamos implementando junto com a Polícia Militar, em um acordo inédito inclusive com o Ministério Público do Distrito Federal e Territórios, a revista na volta. A maioria dos crimes ocorre por oportunidade: na aglomeração, com o celular no bolso de trás, a pessoa não percebe que alguém o levou. Quando fazemos essa revista na volta, e, para isso, precisamos do apoio da população, o folião passará por uma linha de revista onde o policial militar pedirá que ele mostre o celular desbloqueado. Ninguém vai pegar o seu celular ou avaliar o que tem dentro dele. É simplesmente o apoio de a pessoa mostrar o aparelho desbloqueado. O problema ocorre se você tiver dois ou três celulares e não conseguir mostrar que aquele aparelho, de alguma maneira, é seu.

Reprodução



Aponte, aqui, a câmera de seu celular e assista à entrevista completa

Outra ação inovadora é a Sala Lilás contra o assédio no carnaval. Quais são os primeiros resultados?

A Sala Lilás foi implementada agora pela Polícia Militar do Distrito

Federal. Todo agente público deve saber o que fazer caso qualquer mulher, em qualquer situação que envolva violência doméstica, peça ajuda. Dentre outras coisas, acolhê-la imediatamente e cessar aquela ação, inclusive detendo o responsável. O agressor vai perder o carnaval dele, porque todos os agentes estão orientados a pegá-lo e levá-lo até a delegacia. A Sala Lilás é uma van itinerante, que atua como espaço de acolhimento psicológico e multidisciplinar. Mas você também

pode perguntar para qualquer policial e ele vai encaminhar, passar um rádio ou fazer uma ligação para que a van vá até você.

Saindo um pouco do carnaval, os brasilienses reclamam muito da falta de iluminação. Às vezes, a luz acaba, há apagões e determinados locais da cidade ficam muito escuros ou mal iluminados. Como o senhor vê isso?

Um dos principais problemas é a conjunção do problema social com o problema legislativo. Há muito incômodo em áreas como a Asa Norte, e com razão, e o Noroeste. A gente tem intensificado muito a polícia lá, mas nós prendemos as pessoas uma, duas, dez vezes. Tem gente que foi presa 15 vezes por furto de cabos. Estamos diante de um problema social, mas temos que enfrentar tanto esse lado social quanto a legislação. Se a legislação é leniente ou permissiva, isso é grave, porque o furto de um cabo de energia perto de um hospital, por exemplo, pode matar uma série de pessoas. Mesmo que mudássemos o material do cabo para algo sem valor econômico ou o colocássemos de forma aérea, se não resolvermos o problema social de como abordar e tirar essas pessoas das ruas, o crime continuará. Temos que ver como a legislação

permite que essa pessoa, se for realmente um bandido infiltrado, seja presa e não volte às ruas, ou, se for um dependente químico, que saia das ruas para ser tratado, mesmo que compulsoriamente.

Quais são os números, principalmente aqui no Plano Piloto, uma região mais sensível ao tema?

Tem um número aqui no Plano Piloto que é alarmante, inclusive para a defesa das pessoas em situação de rua. São aproximadamente 3 mil moradores em situação de rua no Distrito Federal, sendo cerca de 1.000 aqui no Plano Piloto. A população geral que mora aqui é de 1,5 milhão de pessoas, somadas às mais de 500 mil no movimento pendular, que são aqueles que trabalham aqui de dia e voltam para casa à noite. Temos, então, uma relação de 1.000 moradores em situação de rua para 1 milhão de habitantes. Ou seja, 0,1% das pessoas no Plano Piloto vivem nessa situação. O dado alarmante é que, em média, 73% das pessoas que morreram em 2024 e 2025 são moradores em situação de rua. Precisamos evitar essas mortes e cuidar dessas pessoas.

Estagiário sob supervisão de Tharsila Prates